

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

103

INSCRIÇÕES 456 - 459



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2012

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO* é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE MOURA  
(*Conventus Pacensis*)

Placa funerária romana recolhida no meio de um enchimento recente, no castelo de Moura, aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico do Posto de Recepção ao Turista dirigidos por José Gonçalo Valente, a quem se deve o achado.<sup>1</sup> Foi integrada no acervo do Museu Municipal de Moura.

De mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com forte pátina castanha-amarelada, encontra-se praticamente intacta, na medida em que apenas foi partido o canto superior direito, que, no entanto, se recuperou. Campo epigráfico rebaixado, envolvido por moldura do tipo gola directa, com ranhura exterior.

Dimensões: 55,5 x 86 x 15.

Campo epigráfico: 38 x 70.

---

<sup>1</sup> A placa foi encontrada no enchimento de um muro de cronologia medieval, devendo situar-se a sua construção na segunda metade do século XIV. Foi, justamente, o facto de a placa ter sido removida por uma máquina, durante a abertura de uma vala, no final da primavera de 2011, que motivou a interrupção da obra e a suspensão dos trabalhos.

M(arco) · N(umisio?) · CALVISIO · AN(norum) · LXX  
(septuaginta) / L(ucio) · N(umisio?) · APRO · AN(norum) ·  
XXXXI (unius et quadraginta) / AEMILIA · Q(uinti) · F(ilia)  
· ANVLLA · VIRO / ET · FILIO · M(arcus) · N(umisius?)  
· MAXVMVS / <sup>5</sup> PATRI · ET · FRATRI · F(aciendum) ·  
C(uraverunt) / R(ogamus) P(raeteriens) D(icas) S(it) V(obis)  
T(erra) L(evis)

*A Marco Numísio (?) Calvíso, de setenta anos, a Lúcio Numísio (?) Apro, de quarenta e um anos – Emília Ânula, filha de Quinto, ao marido e ao filho; Marco Numísio (?) Máximo, ao pai e ao irmão mandaram fazer. Rogamos, transeunte, que digas: que a terra vos seja leve!*

Altura das letras: l. 1: 5,5/5; l. 2: 5/4,5; l. 3: 4,5/5 (1º A = 5,5; 1º O = 4); l. 4: 5,5/5 (O = 4,5); l. 5: 5 (FC = 5,5); l. 6: 5 (R = 5,5). Espaços: 1 a 3: 1; 4: 0,8; 5: 1,2; 6: 1; 7: 2.

O texto encontra-se bem distribuído em altura: sente-se na terminação superior e inferior das letras a presença de linhas auxiliares (vejam-se os RR, os PP e os TT...); houve o cuidado de se fazer uma inteligente distribuição das palavras pelas linhas, de acordo com o sentido global do texto; daí, por exemplo, o aperto no final da l. 4 e a não-obediência a um alinhamento no começo de cada linha, a fim de permitir essa distribuição mais coerente. A pontuação é triangular, em jeito de prolongado acúleo, usada correctamente. Caracteres actuários, sem recurso a régua ou a compasso: M bastante largo; C mais amplo em cima que em baixo, levemente inclinado para trás; O ora ovalado ora bem circular; P fechado na l. 5, aberto na linha final; R feito a partir do P; V estreito, ou não, consoante o espaço disponível...

O facto de o gentílico ser identificado com sigla indicia tratar-se de família bem conhecida na comunidade, ainda que não nos seja possível garantir qual: apontámos a hipótese Numisius só porque se regista um *Sextus Numisius* em *Pax Iulia* (IRCP 245);<sup>2</sup> contudo, também poderia ser *Numitorius* ou *Norbanus*,

---

<sup>2</sup> IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984. [O número identifica a inscrição no catálogo].

este, aliás, um gentílico assaz frequente na zona de Cáceres e relacionável com *Norba*.

Os cognomes são bem latinos também, mas não muito frequentes na documentação epigráfica que pudemos compulsar. *Calvisius* como *cognomen* poderá, inclusive, ser testemunho único. Kajanto<sup>3</sup> não o regista; apenas cita *Calvisianus*, da Sardenha (CIL X 7619), cujo pai, no entanto, se chamara *Antonius Calvisius* (p. 143). Schulze<sup>4</sup> refere também a ocorrência do antropónimo *Calvisius*. É, aliás, *nomen* amiúde referido nos *Anais* de Tácito e no *De Bello Gallico*, de César (que cita *C. Calvisius Sabinus*).<sup>5</sup> Desse *nomen Calvisius* aduz Abascal<sup>6</sup> dois exemplos de Clunia, referindo-se um terceiro, de S. Esteban de Gormaz, à mesma pessoa citada em epígrafe de Clunia, *C. Calvisius Sabinus*, homónimo, por conseguinte, do agora citado. Regista-se, pois, uma singular apropriação, para *cognomen*, de um *nomen* comum, o que não deixa de indiciar uma cultura e um conhecimento da língua fora do vulgar.

De *Aper* ter-se-á somente uma dúzia de testemunhos na Lusitânia.<sup>7</sup> Kajanto (p. 86 e 325) inclui-o entre os sete *cognomina* mais comuns inspirados na fauna, pois, como se sabe, *aper* significa ‘javali’: são quase 200 os testemunhos incluídos no conjunto do CIL.

E se o *nomen Aemilia* é assaz comum, inclusive na Lusitânia, com fortíssima concentração em Mérida,<sup>8</sup> já do seu *cognomen Anulla* se pode dizer não ser nada frequente: Kajanto (p. 301) considera-o um possível diminutivo de *Anus*, «idoso», tendo-o

---

<sup>3</sup> KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

<sup>4</sup> SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966, p. 139.

<sup>5</sup> HEp 10 2000 n° 296 perpetua, possivelmente, a memória de um neto deste cônsul do tempo de César, a quem foi erigido um pedestal em Cuenca. E, à exceção dos citados a seguir, são referentes a este senador, praticamente, os testemunhos do *nomen Calvisius* na epigrafia hispânica.

<sup>6</sup> ABASCAL (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 106.

<sup>7</sup> Cf. MILAGROS NAVARRO CABALLERO e JOSÉ LUIS RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, s. v. «Aper» (p. 94, mapa 30).

<sup>8</sup> Cf. o *Atlas* citado na nota anterior, s. v. «Aemilius» (p. 74-75, mapa 6).

registado apenas em África como identificando um homem e quatro mulheres. Com o avanço dos estudos, podemos asseverar que de *Annula* temos, neste momento, nove outros testemunhos documentados na Península Ibérica, predominando na Bética.<sup>9</sup>

*Maxumus* é, como se sabe, *cognomen* latino muito corrente.

Estamos, pois, perante a placa, mui verosimilmente, de um jazigo de família, a mostrar a ligação entre uma família *Numisia* (?) e a *gens Aemilia*. Partiu da mãe a iniciativa de perpetuar a memória do marido e do filho e a ela se associou o outro filho (porventura, o mais velho). Ambas as famílias bem romanizadas e denunciando uma cultura fora do comum, nomeadamente se tivermos em conta a utilização, em sigla, de uma fórmula rara na epigrafia da Lusitânia: o pedido ao transeunte que diga «que a terra te seja leve».<sup>10</sup>

Gente bem latina; arriscar-nos-íamos até a chamá-los de colonos. E, tendo em conta a molduração e o tipo de letra, poderão apontar-se os meados do século I d. C. para a datação.<sup>11</sup>

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JOSÉ GONÇALO VALENTE

VANESSA GASPAS

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

SANTIAGO MACIAS

---

<sup>9</sup> Vide <http://eda-bea.es/>, s. v. «Anulla».

<sup>10</sup> O testemunho geograficamente mais próximo, também ele bem tocante do ponto de vista de doloroso sentimento familiar é da região de Elvas: os pais de Comínia Avita fazem ao transeunte pedido idêntico, pois haviam perdido a filha de... apenas nove anos de idade (IRCP 583). Aproveita-se a oportunidade para rectificar a interpretação que, noutra epígrafe, se deu das siglas T · R · P :: além de T(e) em vez de T(*ibi*), será igualmente mais verosímil pôr a forma verbal no plural – R(*ogamus*), como aqui – pois os dedicantes são o pai e a mãe e é na sua boca, certamente, que se pretende pôr o pedido.

<sup>11</sup> Agradecemos vivamente a Patrick Le Roux a prontidão com que nos comunicou os lapsos de leitura cometidos na 1ª versão divulgada deste estudo.

